



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da primeira etapa do Parque Dona Lindu e do
Monumento aos Retirantes**

Recife-PE, 30 de dezembro de 2008

Meu querido companheiro Eduardo Campos, Governador do Estado de Pernambuco, e sua companheira Renata Campos,

Meu querido companheiro José Múcio Monteiro, Ministro-Chefe da Secretaria de Relações Institucionais,

Meu caro João Lyra Neto, Vice-Governador do Estado de Pernambuco, Desembargador Jones Figueirêdo, presidente do Tribunal de Justiça de Pernambuco,

Deputada Ana Arraes,

Deputados Fernando Ferro, Inocêncio de Oliveira, Pedro Eugênio,

Meu querido companheiro João Paulo Lima e Silva, Prefeito de Recife, e sua esposa Luiza Eugênia de Oliveira e Silva,

Meu caro João da Costa, Prefeito eleito de Recife,

Senhora Marília Bezerra,

Brigadeiro Telles Ribeiro,

Senhor Paulo Roberto Lucas Alves, gerente regional da Secretaria de Patrimônio da União,

Meu querido companheiro Abelardo da Hora,

Meu querido companheiro Mestre Forró,

Meu querido companheiro Alceu Valença,

Nossa querida Diana, que cantou por último,

Meus queridos companheiros irmãos que estão aqui presentes – éramos em oito, agora somos em sete. Logo, logo, seremos todos cinzas, mas enquanto não formos, estaremos brigando para ver se a gente consegue contar



um pouco melhor a história de uma parte do Brasil que teimou, por vários séculos, em ser esquecida pela elite dirigente deste país.

Primeiro, eu não vou repetir o que o João Paulo falou aqui desta Praça, João Paulo. Eu tenho vários assuntos para conversar aqui, mas eu queria dizer o seguinte: este Parque vai ter grande parte das coisas que o povo precisa. O povo que mora num apartamento aqui na beira da praia não precisa de nada, porque ele já tem conforto no seu apartamento. Mas os pobres que vêm de fora, precisam.

Eu sou do tempo, João Paulo, que eu ia na Praia Grande, em São Paulo, e a gente tinha que sair numa Kombi – nem Kombi não era – com 15 pessoas dentro de uma Kombi. A porta da bicha nem fechava. A gente chegava lá, ia tomar banho numa cabine daquelas que tem um metro por meio metro, mal cabia a gente. Se a barriga crescesse um pouquinho, o umbigo ficava para fora e a porta não fechava.

Então, é melhor dar um tratamento mais adequado ao povo pobre, ao povo trabalhador, ao povo que vem do interior do País, porque há uma bobagem: alguns setores mais conservadores precisam compreender que se os pobres deixarem de ser pobres e virarem classe média, a classe média tende a virar classe rica, porque é o processo de evolução de todas as camadas sociais. Mas há quem queira teimar, neste país, que só alguns podem ter o privilégio de comer bem, morar bem, passear bem, e que o restante tem que trabalhar de sol a sol, ganhar mal, morar mal e estudar mal. Este país já foi assim durante muitos séculos. E nós viemos para cá para mudar, gostem ou não gostem.

Olhem, só para ter idéia do que vai ter aqui: aqui vai ter playground, aqui vai ter equipamento de ginástica, pista de cooper, pista de skate, estacionamento, quadras poliesportivas, vai ter banheiros, vai ter fraldário, e tem até guarda de material esportivo, isso na primeira fase.



Eu sei que tem gente que já fez protesto dizendo: “Não tem árvore”. A gente vai plantar. Mas é importante que os que reclamam que não tem árvores peguem um pouco do seu dinheiro e plantem algumas também.

Eu já ouvi dizer que tem gente que reclama do estacionamento. Obviamente que estacionamento é sempre um problema, porque o mundo inteiro é assim: a gente quer ponto de ônibus perto da casa da gente, mas não quer na porta da casa da gente; a gente quer que a prefeitura recolha o lixo, mas ninguém quer uma usina de lixo no seu bairro ou na sua vila; a gente quer que a polícia prenda os bandidos, mas ninguém quer uma cadeia na sua cidade; e assim vai. As pessoas se queixam, às vezes com razão, e aquilo que a gente puder resolver, vai resolver.

Só tem uma doença, João Paulo, que é a mais grave de todas: é o preconceito. O preconceito é uma doença. Certamente, se você, em vez de um busto de uma mulher retirante e seus filhos, tivesse feito o busto de um aristocrata da elite pernambucana, não teria preconceito e não teria tido processo.

Mas nós não temos o direito de ficar com raiva, João Paulo. Deus não nos colocou no governo deste país para a gente fazer o mesmo que a elite fazia, neste país. Nos colocou para termos mais paciência, para olharmos para aqueles que sempre foram esquecidos, para tentar fazer aquilo que para a elite era impossível fazer, porque era muito fácil contentar os pobres deste Nordeste brasileiro criando as frentes de trabalho, fazendo festa todo dia na periferia para as pessoas esquecerem as discussões importantes que precisavam ser feitas neste país.

Nós sabemos que não foi possível você fazer tudo nos seus oito anos, até porque o desmonte é de 100 anos, não é de pouco tempo. Como o Eduardo Campos não vai poder fazer tudo em quatro ou em oito anos. Como eu não pude fazer tudo em oito anos, para consertar o dismantelo de 500 anos. Não é fácil, não é fácil. O importante é que a gente saiba perfeitamente



bem o passo que nós estamos dando e o que está acontecendo na vida do povo mais pobre.

Esses dias eu tive um debate, meu caro Armando Monteiro, num jantar com empresários em Brasília, e um deles começou a reclamar que estavam diminuindo as vendas. E um outro falou: “Então, se estão diminuindo as suas vendas, saia de São Paulo e vá para o Nordeste, porque lá o povo pobre aprendeu a comer, está comprando mais, está tendo acesso a coisas que não conhecia”.

Então, a verdade é que o povo pobre está tendo uma ascensão, mais lenta do que eu gostaria que fosse, mais vagarosa, mas a verdade é que nós estamos aprendendo, porque para fazer uma simples praça como esta, este moço recebeu oito ações na Justiça.

A gente perdoa e a gente compreende todos aqueles que fazem protesto pelas coisas boas. Mas a gente não perdoa aqueles que eram contra esta praça porque queriam fazer especulação imobiliária com este terreno. E a gente também não pode compactuar com aqueles que são capazes de olhar com desdém para um busto de uma pobre retirante e são capazes de se ajoelhar para beijar o busto de uma princesa ou de uma rainha, em qualquer lugar deste país.

O maior legado, João Paulo, que eu recebi desta mulher que morreu como nasceu, analfabeta, mas que ensinou para os filhos uma coisa: nada é mais importante do que o caráter de um homem ou de uma mulher. Nada! Qualquer um de vocês pode não dar o carro que o filho deseja, qualquer um de vocês pode não dar o apartamento que o filho ou que a filha quer, qualquer um de vocês pode não dar o bem material que vocês gostariam de dar para os filhos. Agora, dêem caráter, que vocês estarão criando grandes brasileiros e grandes brasileiras.

É isso que falta neste país, é isso que a gente não vê na televisão, é isso que a gente não vê nos meios de comunicação. Como é que anda a



família neste país? O que a gente aprende? Quais são as boas informações que nós recebemos todo santo dia?

Nós, hoje – mais grave que qualquer problema neste país – temos um problema de degradação da estrutura familiar deste país. E não joguem a culpa nos pobres, não digam que a violência é apenas por causa de pobres, porque eu sou o testemunho de que se pobreza criasse bandido, a minha família não era de trabalhadores, era de bandidos, e eu não teria chegado à Presidência da República.

O que leva o pobre a virar bandido é a falta de esperança que, durante muitas décadas, a elite que governou este país tirou do povo o direito de sonhar, o direito de acreditar, o direito de pensar que o ano que vem seria melhor que o ano passado. E ela tirou porque estava compenetrada e convencida de que o Brasil precisaria ser governado apenas para 35 milhões de pessoas que faziam parte da classe média brasileira, aqueles que podiam viajar, aqueles que podiam tudo.

E nós, humildemente, o João Paulo, o Eduardo Campos, nós não queremos tirar nada de ninguém, nós não queremos tirar um centavo de ninguém, nós apenas queremos dar um centavo para quem nunca teve nada neste país.

É por isso, meus queridos... Eu não ia nem fazer discurso político, mas eu comecei a fazer para não engasgar a voz como o João Paulo engasgou, porque eu sei que não é fácil falar de mãe. Mas eu queria dizer ao nosso mestre, muitas vezes chamado de “mestre mestríssimo” por ninguém menos do que o nosso Gilberto Freyre... Quantas vezes ele dizia ao nosso querido escultor Abelardo Hora, meu “mestre mestríssimo”...

Eu penso, João Paulo, que a melhor homenagem que você prestou para mim não foi o nome deste Parque se chamar Dona Lindu, não foi um monumento à minha família. A melhor homenagem que você prestou para mim, João Paulo, foi provar, em oito anos de trabalho nesta prefeitura, que um



metalúrgico tem mais competência do que muitas outras pessoas para governar este país. João Paulo, se você não tivesse sido competente como você foi, se você tivesse sido um fracassado, não é que você não teria feito o seu sucessor, é que nós iríamos passar décadas sem poder eleger um prefeito porque iria ter aqueles que diziam: “Trabalhador não sabe governar. Peão de fábrica tem mais é que trabalhar, não tem competência para governar. Governar é coisa de gente chique, é coisa de quem nasceu em berço de ouro”.

Não tem nada, meu caro Eduardo Campos, que me dê mais orgulho, não tem nada que me dê mais orgulho... quando chegar no final do meu mandato, eu quero comparar tudo o que eu fiz com aqueles que governaram antes de mim, para a gente poder... Eu duvido que os ricos já ganharam tanto dinheiro neste mundo como ganham no meu governo. Duvido! Desafio um rico a dizer que ganhou mais dinheiro antes do meu governo. Todos eles, sem distinção, de usineiro a banqueiro, de dono de siderúrgica a dono de qualquer coisa. É só ver a receita dessas empresas.

E eu duvido que os pobres deste país já tiveram a participação no governo que tiveram no nosso governo também. Aquele Palácio do Planalto não foi feito apenas para reis e rainhas, ele não foi feito apenas para primeiros-ministros. Lá eu já levei moradores de rua; lá eu já levei catadores de papel; já levei lá os cegos com seus cachorros, porque tinha muita gente que não deixava entrar na igreja ou entrar nos shoppings, e eu queria provar que o cachorro nada mais era do que os olhos daqueles que a natureza não tinha permitido que enxergassem. Lá já entraram todos os segmentos da sociedade brasileira, porque a nossa Constituição diz que o governo tem que governar para o povo deste país.

Eu me lembro do preconceito, quando eu participei do encontro do GLBT, lá em Brasília. Todo mundo: “Lula, não vá, pelo amor de Deus. Olha, vai sair na foto, vai ter um gay que vai tirar foto com você, e vai ter uma lésbica que vai tirar foto com você”. Eu queria saber se alguém que me dá um



conselho desses, que não quer que eu vá ao encontro, se ele tem coragem de dizer para um gay na eleição: “Não vote em mim”, ou dizer para uma lésbica: “Não vote em mim”. Eu quero saber se ele tem direito de não receber o Imposto de Renda dessas pessoas. Na hora de pagar, na hora de trabalhar e na hora de votar: venham a nós. Na hora de ser tratado como nós, aí vira-se as costas. João Paulo, isso você quebrou nesta cidade, Eduardo quebrou neste estado e eu quebrei neste país. Mas ainda falta muito.

Mas eu queria dizer para vocês que, muito engajado nas lutas sociais, o nosso querido Abelardo da Hora define sua obra como “plena de amor e solidariedade”. Além de tudo, era um paquerador, além de comunista devia ser muito paquerador.

A seguir, eu vou ler uma coisa que Abelardo escreveu: “A minha arte é feita dos meus sentimentos e de meus pensamentos. Nunca os separo. A marca mais forte do meu trabalho tem sido, entretanto, o sofrimento e a solidariedade. A tônica é o amor, o amor pela vida que se manifesta também pela repulsa violenta contra a fome e a miséria, contra todos os tipos de brutalidade, contra a opressão e a exploração. Arte pela vida, em favor da vida. Às vezes, grito violentamente nos ouvidos dos brutos e dos antropóides monstruosos que forjam as guerras e as discriminações. Mas às vezes canto a vitória da minha gente, o amor da minha gente e as belezas da vida”. Meus parabéns, meu querido Abelardo.

Companheiros, eu tenho dois assuntos a tratar com vocês. Eu nunca imaginei fazer comício no dia 30 de dezembro. Eu acho que o nosso espírito agora está pensando em chegar ao final do ano, passar com a nossa família, quem bebe estoura um champanhe, quem não bebe festeja o champanhe estourado pelo outro. Mas eu não poderia deixar de vir aqui cumprir este último compromisso com meu companheiro João Paulo. Ele diz sempre que é uma questão de demarcação do campo de classe, mas o meu orgulho...

Eu fico orgulhoso, Alceu Valença, quando eu vejo... Tem gente que fala:



“Mas o jogador ganha muito”. A coisa que me dá mais prazer é ver uma pessoa pobre, da periferia, virar famoso como o Ronaldão, como o Ronaldinho, como tantos outros.

Agora, ver um trabalhador vencer na política... Não faz muito tempo, a gente só ia para a política bater palmas, chegar em palanque, nem pensar. E, de repente, você está vendo a ascensão de um companheiro como o João Paulo, que termina – depois de oito anos de mandato – com a aprovação que ele tem. É motivo de orgulho para o povo brasileiro, para os trabalhadores brasileiros e para todos aqueles que são amantes da democracia.

Queria dizer para vocês também que nós tivemos um 2008 excepcional. Há muito tempo nós não tínhamos um ano como tivemos 2008. Eu posso dizer a vocês: há mais de 35 anos a gente não tinha um ano como a gente teve em 2008. Lógico que tudo aquilo que a gente tem é sempre pouco, diante do que a gente quer. E a humanidade é assim mesmo, a gente tem que tentar sempre querer mais coisas, evoluir cada vez mais para melhorar cada vez mais. Mas 2008 foi um ano muito bom para o Brasil, muito bom.

Vocês estão acompanhando pela televisão que tem uma crise internacional, que tem uma crise que nasceu, não num país pobre da periferia. Não é culpa do Evo Morales, não é culpa do Chávez, não é culpa da Cristina Kirchner, não é culpa da Michelle Bachelet, não é culpa do Rafael Correa, não é culpa do Lula. É culpa dos países ricos, a começar pelos Estados Unidos da América do Norte, é lá... 69% dessa crise é oriunda dos Estados Unidos. E eu estou pedindo a Deus que o Obama, o primeiro negro eleito Presidente da República nos Estados Unidos – primeiro negro, o que não é pouca coisa – eu estou pedindo a Deus que o Obama consiga fazer o que tem que fazer muito rápido, porque se ele não fizer no primeiro ano, no segundo ano vão começar a pegar no pé do Obama.

Como eu acho que a vitória de um negro lá tem a mesma importância da vitória de um índio na Bolívia, e a mesma importância da vitória de um



metalúrgico no Brasil, eu estou pedindo a Deus que o Obama faça um bom governo, porque isso vai ajudar o nosso país.

A segunda coisa que vocês precisam compreender, eu não vou aqui detalhar, mas essa crise pode prejudicar o Brasil em dois momentos: primeiro, as exportações brasileiras. Os Estados Unidos e a Europa são grandes compradores mas, graças a Deus, o Brasil não depende muito dos Estados Unidos e nem da Europa. As nossas exportações para esses países representam menos de 16%, portanto, nós não estamos muito dependentes. Nós exportamos para a América Latina, para a Ásia, para o Oriente Médio, para a África. Mas, certamente, teremos alguns problemas porque os Estados Unidos são grandes compradores, a Europa é grande compradora. Por isso, eu estou torcendo para a Europa resolver logo o seu problema e para o Obama tomar posse logo e resolver logo o problema dos Estados Unidos.

Mas nós temos uma vantagem com relação à possível queda das exportações, que é o fortalecimento do nosso mercado interno. O Brasil ainda tem muita coisa para fazer, e eu quero dizer para vocês, olhando na cara de vocês, para vocês me cobrem: os pobres não pagarão a conta dessa crise, neste país.

Nós não vamos travar a economia por conta da crise. Nós não queremos que os empresários que estão fazendo investimentos deixem de fazer investimentos. Nós temos que assumir um desafio: se o empresário que está fazendo investimento agora parar e só começar a refazer o investimento quando a crise parar, ele pode perder o trem da história. Nós precisamos continuar fazendo os nossos investimentos para que quando essa crise acabar, lá fora, a gente dê um salto de qualidade e o Brasil passe a ter mais importância no cenário mundial.

Vocês sabem que tem gente torcendo para a crise arrebentar o Brasil. Tem gente dizendo: “Ah, agora a crise vai pegar o Lula. Agora é que nós vamos ver. Queremos ver se ele vai continuar bom na pesquisa. Queremos



ver, porque agora ele vai se lascar”. É assim que falam.

Olhem, essa gente que fala assim, ou não me conhece, ou não conhece o retirante nordestino. A gente, no Nordeste, que nasce pobre e que não morre até os 5 anos de idade, vira coisa encenqueira para não permitir que uma crise faça a gente se abalar.

Eu vejo essa crise como uma oportunidade para este país. Podem ficar certos de que o governo vai tomar todas as medidas. Nós tivemos um problema de crédito agora, sério, porque nós tínhamos 30%... 30% do crédito no Brasil era crédito que os empresários tomavam emprestado, em dólar. Como o dólar desapareceu do mercado, esses empresários que pegavam dinheiro lá fora vieram pegar aqui dentro. Portanto, vocês viram notícias: a Petrobras indo pegar dinheiro na Caixa Econômica. Certamente, ela estava disputando com um empresário pequeno ou médio que pega na Caixa Econômica. Nós não queremos que isso aconteça. Por isso é que nós estamos disponibilizando dinheiro das nossas reservas para a Petrobras tomar emprestado, e não disputar com os pequenos aqui.

Eu estou convencido de que nós chegamos a janeiro com o crédito mais ou menos estabelecido neste país, ou seja, normalizar o crédito, reduzir o *spread* bancário, porque na hora em que falta dinheiro as pessoas aproveitam para aumentar o *spread*. Vamos reduzir isso e vamos fazer essa economia funcionar.

Então, na verdade, Eduardo, eu não quero assumir responsabilidade para mim, não, porque a crise não é minha. Mas, no fundo, no fundo, no fundo, é uma provação e eu quero provar que nós sabemos lidar com crise com muito mais competência do que muita gente que pensa que sabe lidar com crise. É muito fácil escrever um artigo sentado à uma mesa, tomando uísque, eu posso escrever qualquer coisa, julgando qualquer pessoa. Eu quero ver é você estar ali com a caneta na mão para dizer: assino ou não assino, faço ou não faço, contento ou descontento. Essa é a arte de fazer, e nós sabemos o que fazer.



Eu quero que vocês fiquem atentos, porque nós vamos vencer essa crise e vamos sair mais fortes dessa crise. Vamos sair mais fortes. Podem ficar certos disso: nós vamos vencer essa crise e vamos sair mais fortes dela. Eu sei que vai frustrar alguns adversários nossos, mas, paciência, faz parte do jogo político.

Eu queria, João Paulo, agradecer a você. Eu sei que você não é tudo o que você diz que é, dançador de frevo, cantador de forró, mas você provou ser um guerreiro da maior importância, João Paulo. Eu (incompreensível) sua primeira eleição aqui. Eu me lembro que eu vim um dia aqui e você pediu para mim: “Lula...” Naquele tempo me chamava de Lula. Ele falou assim, Eduardo: “Ô Lula, faz um discurso aí, que eles estão atacando peão metalúrgico”. Está lembrado? Eu subi no trio elétrico e falei: para defender peão, é comigo mesmo. Esse companheiro ganhou as eleições contra uma parte da aristocracia elitista deste estado, desta cidade, aqueles que pensavam que eram invencíveis. Ganhou, chegou à reeleição e ganhou outra vez, com todas as mentiras que levantaram contra ele, com a falsificação de coisas que foram feitas a mando de políticos representantes da elite aqui (incompreensível). E agora, o maior desafio. Esse companheiro consegue eleger um baixinho chamado João da Costa, prefeito desta cidade.

Eu acho, João Paulo, que essa homenagem à minha mãe é uma homenagem a milhões e milhões de retirantes nordestinos que, ao longo do final do século XIX e do século XX, perambularam por este país afora. Eu tive parente que foi para São Paulo a pé, foram seis meses de viagem. Nós ainda fomos de pau-de-arara, foram 13 dias. Vocês pensam que é fácil? Hoje as pessoas reclamam de andar meia hora de ônibus... 13 dias em um pau-de-arara, dormindo muitas vezes embaixo de um caminhão, pedindo a Deus para não chover e chovia, e chovia. Ô desgraceira! Fazendo comida da água barrenta do rio São Francisco.



Chegamos em São Paulo, para minha desgraça... Minha mãe foi para lá porque o meu irmão mais velho mandou uma carta dizendo que o meu pai estava chamando, o que não era verdade. Ele inventou a carta, porque o meu pai veio para São Paulo, meu pai engravidou a minha mãe de mim e foi embora para São Paulo. Cinco anos depois ele voltou e engravidou a minha mãe da Tiana, da Ruth, que é a mais nova, a cada vez ele engravidava uma. E dessa vez ele levou o Jaime junto com ele. E o Jaime chegou em Santos e descobriu que ele tinha uma outra mulher.

Essa outra mulher dele era uma prima da minha mãe que tinha desaparecido quando meu pai foi embora para São Paulo. Ela já estava com um monte de filhos lá. Mas a cena, eu... a cena de a gente chegar no porto de Santos, uma mulher com sete filhos agarrados no rabo da saia, mais um tio também que morava aqui, o tio Odorico, tia Laura e dois filhos... não, um filho, que já morreu também. Chegou na porta do armazém, mandou chamar o tal do Aristides, e quando ele vê a gente... êta cabra forte, porque eu morreria de enfarto. Ele, maneiroso, mandou minha mãe para a casa de um compadre dele chamado acho que Zé Lima, Zé Lima... mandou para a casa dele e ficou com a gente na casa dele, junto com a outra mulher e com os outros filhos.

Veja o que é um pobre que parece ignorante, mas veja... com poucos meses ele tirou a que era amante e mulher – e já tinha um monte de filhos – da casa principal, da casa grande, levou para um bairro bem longe, no fim do bairro onde a gente morava, e trouxe a minha mãe para a casa que chamava casa grande. Casa grande coisa nenhuma, devia ter 70 m² a casa de madeira. Meu pai era tão bruto que ele dizia que as minhas irmãs não podiam entrar na escola porque não podiam escrever carta para o namorado. Tinha uma irmã minha, que eu não vou dizer quem é, que namorava um cara que morava vizinho da gente. Meu pai a proibia de namorar. Pois ela pulava a janela e ia namorar. Como qualquer um aqui fazia. Por isso que em vez de proibir é melhor a gente consentir, sabendo que vai acontecer.



Pois bem, eu penso que essa viagem da minha mãe para São Paulo é a demonstração do sofrimento do retirante nordestino. Não é fácil. Naquele tempo a gente ainda tinha possibilidade de arrumar um emprego ganhando um salário mínimo. Hoje, os nordestinos que vão, vão morar em lugares bem piores do que a gente foi naquela época. A gente morava num bar, a gente morava numa rua, rua Alpino de Moraes. A gente morava no fundo do bar de um tio meu e a gente tinha um quarto e cozinha, a gente morava em 13 pessoas. E tinha um banheiro que era utilizado pelo público do bar, que era o banheiro que a gente utilizava. Imaginem a “desgrameira”. Imaginem um bêbado indo ao banheiro antes de uma pessoa da casa ir.

Agora, a vantagem, João Paulo, é que eu nunca vi minha mãe reclamar, nunca vi essa mulher reclamar. Para ela, a vida era tocada como Deus queria que fosse tocada. Depois que a gente morou nessa rua, a gente tinha um fogão a querosene. Aquela minha irmã, a Tiana, tinha sete anos de idade, disse que o desgraçado desse fogão de querosene pegava fogo todo dia. Essa moça, não sei como ela não está traumatizada até hoje de ver o fogãozinho a querosene pegar fogo.

Depois nós compramos um fogão de duas bocas. Sabe o que é ter um fogão de duas bocas? E a gente foi mudar para uma outra casa, já melhor. Uma casa um pouquinho melhor, e o único móvel que a gente tinha era um fogão de duas bocas. Colocamos ele mais alto em cima do caminhão, só faltava a família em cima fazendo assim, para o pessoal ver o fogão de duas bocas. Aí as coisas foram melhorando, os irmãos foram trabalhando, trabalhando, e nós chegamos onde chegamos.

O que era extremamente importante, e que eu acho um ato de coragem, porque uma mulher de classe média, uma mulher advogada, uma médica, uma dentista, uma empresária largar do marido é fácil, porque ela tem autonomia financeira para largar do marido e ir embora de casa. Mas uma mulher analfabeta ter a coragem que a minha mãe teve de largar do meu pai, com oito



filhos, oito filhos... E saímos de casa para morar em um barraco com apenas um móvel que a gente levou. O móvel que a gente levou era uma tina. Sabem o que é tina? Uma barrica cortada no meio, um desses tonéis de carvalho cortado no meio, em que se lavava roupa. Era uma tina, uma faca de mesa e uma lata de leite Mococa, que era onde meu pai guardava o pão dele, porque ele comia pão diferente de nós. Guardava na lata, ia trabalhar, voltava de noite e comia aquele pão que era dele. O dele era pão-doce, o nosso era pão desse comum, que a gente come hoje.

Então, essa mulher pegou oito filhos, deixou a Marinete em casa para avisar para o meu pai. Deixou a Marinete em casa: “você avisa para o Aristides que eu fui embora”. E fomos embora.

O emprego sofisticado que nós tínhamos era que o meu irmão mais velho, que já morreu, era carvoeiro, carregava saco de carvão na cabeça. Chegava em casa parecendo um tição. O outro, Jaime, trabalhava, acho que vendendo sardinha, vendendo qualquer coisa no estaleiro, fazendo o que... O Vavá trabalhava num bar. O Frei Chico era um condenado. A gente ia vender coisas e ele queria que eu gritasse. Eu tinha vergonha de gritar, e ele me dava cocorote para eu gritar. Hoje eu falo muito mais do que ele. A Maria baixinha trabalhava de empregada doméstica, a Marinete de empregada doméstica, a Tiana já trabalhava de... não, não trabalhava coisa nenhuma, eu a sustentava com dez anos de idade.

Bem, então essa mulher teve essa coragem. Isso eu acho um ato de heroísmo, porque a grande maioria das mulheres pobres agüenta desaforo do marido, apanha porque ela não tem onde cair morta. Ela, às vezes, não sai de casa porque “ah, porque eu tenho oito filhos”, “porque eu tenho quatro filhos”, “porque eu tenho cinco filhos”, “porque eu tenho seis filhos”. E a minha mãe é um testemunho vivo de que é melhor a gente sofrer em liberdade do que a gente viver na base do sofrimento, na base da aporrinhção.



Então, eu acho, João Paulo, que essa homenagem é muito mais uma homenagem às mulheres deste país, às mulheres sofridas deste país, às mulheres marginalizadas deste país, porque hoje grande parte das mulheres é a chefe do lar, são elas que sustentam. Ainda temos, neste mundo, homens que sabem engravidar uma mulher mas não têm caráter para assumir a gravidez que eles fizeram e cuidar dos filhos que eles fizeram.

Então, eu quero te agradecer pela homenagem, meu querido, eu acho que onde ela está, está te agradecendo. E tem outras que nem ela, por aí afora. Tem umas que fraquejaram, não saíram, não foram, fraquejaram aqui mesmo, sofreram aqui e morreram aqui.

Graças a Deus, o nosso Nordeste vai mudar muito. Eu, nesse mês de janeiro, Eduardo – o João Paulo agora não é mais prefeito e vai só como convidado, vai ser o João Costa agora – nós agora vamos fazer uma visita a Lajedo, vamos fazer uma visita para ver a Transnordestina, que era um sonho do dr. Arraes. Em 1979, quando o Arraes foi comigo ao Crato fazer um comício, no avião – eu e o Arraes tomando um uísque, porque ninguém é de ferro – o Arraes falou assim para mim... eu não sei imitar o Arraes como o Eduardo Campos sabe, eu não sei imitar... Mas o Arraes falou assim para mim: “ô Lula, eu só quero que você faça uma coisa, faça essa Transnordestina”. Pois ela vai ser feita. O Arraes, lá de onde ele está, vai ver essa beleza.

Mas a obra mais importante que nós vamos ver é o Canal do São Francisco, esse canal que Dom Pedro, em 1847, tentou resolver o problema da seca no Nordeste. Pois não deixaram ele fazer a transposição. De lá para cá, todos os governos se amofinaram. Eu falei: nós vamos fazer essa obra. Sabem por quê? Porque uma vez eu fui buscar água numa jumenta que minha mãe tinha, estávamos eu e Maria baixinha, ela sempre foi baixinha assim. Não é que a desgraçada da jumenta deu uma queda na gente e começou a morder a minha barriga? E você tinha que encher o pote d’água, colocar no balaio para trazer para casa, rapaz. Um padrinho meu... padrinho, não. Um homem que se



chamava Padrinho Quezinho – eu lembro os nomes ainda – pegou essa jumenta, deu um corte nela aqui, e ela me largou. Já pensou o Lulinha ser comido por uma jumenta? Vocês não me teriam agora de Presidente, falando, quando todo mundo quer estar almoçando a esta hora.

Bem, gente, então, eu quero, de coração, dizer para vocês... eu já disse ao Eduardo Campos, e eu ainda preciso convencer a dona Marisa, que é dura de cair na queda, que eu gostaria de voltar a morar em Pernambuco. Não é fácil, porque a minha galega é nascida em São Bernardo e a galega não quer sair de São Bernardo. Então, como nós somos casados com comunhão de bens, e tudo a gente discute, e sempre ela leva vantagem, eu temo que não possa realizar o meu sonho.

Agora, eu queria terminar dizendo uma coisa para vocês, para ir embora e deixar vocês em paz: vocês estão acompanhando, pela televisão, os ataques lá no Oriente Médio. Uma organização palestina chamada Hamas, que ataca com bombas o lado de Israel, e Israel, com muito mais poderio, que ataca com bombas o lado palestino. Eu acabei de ligar para o ministro Celso Amorim e pedi para ele conversar com o Primeiro-Ministro da França para ver se a gente consegue convocar uma reunião de emergência para a gente tentar discutir isso, porque o que está provado é que a ONU não tem coragem de tomar uma decisão, de colocar paz naquilo lá. E não tem coragem, porque os Estados Unidos têm poder de veto e, portanto, as coisas não acontecem.

Há duas explicações que a gente pode analisar, de longe, do conflito. É verdade que o Hamas é um grupo muito radical, mesmo contra a Autoridade Palestina, mas é verdade também que o potencial armamentista de Israel, perto dos palestinos – é como se um estivesse com um palito de fósforo e o outro com uma bomba – é muito maior.

Portanto, o que está acontecendo ali? Tem eleição este ano, no próximo ano, e eu temo que as pessoas, com a pesquisa na mão, achando que devem atacar, façam o que o presidente Bush fez na guerra do Iraque. Ele tinha a



pesquisa, porque o povo americano era favorável, então resolveu fazer a guerra do Iraque para ganhar a eleição no segundo mandato. Acontece que violência gera violência, não vai fazer um (incompreensível) de paz.

Então, eu não vou fazer um apelo daqui porque eles não conseguem ver a nossa televisão lá em Israel e nem na Palestina. Mas eu penso que nós, do Brasil, vamos trabalhar para a gente fazer um esforço muito grande junto aos outros países, para ver se a gente encontra um jeito daquele povo parar de se matar, daquele povo parar de se violentar. Também não pode apenas os Estados Unidos ficarem negociando, porque eles já provaram que não dá certo. Então, se alguém está fazendo essa guerra por conta de eleição, é um erro.

Agora, também pode ser o seguinte: o presidente Bush está saindo no dia 20. Quem sabe o ministro da Defesa de Israel falou: “Deixa eu fazer logo o que tenho que fazer antes do Obama vir, porque o Obama pode não querer que eu faça isso”. Ou seja, também é uma coisa que não é correta.

Como o Brasil vive com a comunidade judaica em paz, com a comunidade árabe em paz, eu acho que nós poderíamos fazer um apelo para que Israel, os palestinos, construíssem a paz definitivamente, porque o mundo precisa de paz. Um país se constrói na paz. Então, eu queria, Eduardo, que a gente aqui, carinhosamente, batesse palmas bem forte pela paz no Oriente Médio, para que tanto árabes quanto judeus possam ouvir o nosso apelo de paz neste final de ano.

Feliz Ano Novo para todos vocês. Que Deus permita que a gente tenha um 2009 igual ou melhor do que 2008.

Um grande abraço e obrigado pela paciência de vocês. Obrigado, querido Eduardo Campos. Obrigado, João Paulo.

(\$211A)